

MITO E IMAGEM*

Furio Jesi

Sobre o palco desses itinerários do imaginário vimos o surgimento de figuras como o Rei, como o Duque; queria fazer, agora, aparecer outra figura: o Mago, ou o Vidente. A palavra “figura” já oferece os preliminares da evocação. Como nos encontramos num teatro, e num teatro ao modo italiano, “figura” significa a parte, o âmbito icônico reservado em um “cenário” às atribuições características de um ator e, em particular, de um ator-máscara. No entanto, além da malha que compõe o enredo, “figura” é também a presença plástica do ator naquela parte: um módulo, portanto, uma forma cavada, mas também o *quid* completamente redondo que lhe corresponde e que vive sua própria vida, tanto que é capaz de perverter, ao mesmo tempo, o módulo e a forma cavada.

“Figura”, nesse contexto, não é sinônimo de “imagem”. Num dicionário qualquer de alemão-italiano, encontramos: *Bild* = *figura, imagem*; *Gestalt* = forma, figura. Um dos principais ensaios teóricos de K. Kerényi se intitula *Bild, Gestalt and Archetypus*; na edição italiana esse título foi traduzido por *Immagine, figura, archetipo*: aprovando ou não aprovando essa tradução, aquilo que nos interessa, agora, é estabelecer qual é o campo de referência dos dois vocábulos *Bild* e *Gestalt*, no contexto da assim chamada ciência do mito, ou da mitologia, ou pelo menos daquele setor da ciência do mito ou da mitologia que vê um de seus protagonistas, K. Kerényi, em diálogo, ou em polêmica com Wilamowitz, com Walter F. Otto, com Thomas Mann, com Hermann Hesse e com C. G. Jung.

Mito e immagine.

Riga, Milano, n. 31 (Org. Marco Belpoliti e Enrico Manera), p. 255-257, 2010.

Tradução de Davi Pessoa Carneiro

* Este ensaio de Jesi é proveniente da leitura do ensaio de Károly Kerényi “Bild, Gestalt und Archetypus”, o qual foi apresentado no Congresso Internacional de Filosofia, em Roma, em 1946, publicado pela primeira vez em tradução italiana como “Immagine, figura, archetipo”, nos *Atti del Congresso* (v. II, L’esistenzialismo, Milano: Ed. Castellani, 1948) e posteriormente em KERÉNYI, Károly. *Miti e misteri*. Org. e trad. Angelo Brelich. Torino: Einaudi, 1950 (2. ed. Torino: Boringhieri, 1979, com organização de Furio Jesi).

Em seu ensaio, Károly Kerényi escreve:

Utilizamos e utilizaremos, em seguida, a palavra “imagem” [*Bild*] em vista daquele caráter visual que é peculiar da tradição mitológica dos gregos. [...] Com o termo “figura” [*Gestalt*] se compreende algo menos visual. As figuras que trazem os nomes “Prometeu”, “Níobe”, não apareciam apenas em imagens, mas eram também o herói e a heroína de certas narrativas que podiam assumir as mais diversas formas, mesmo permanecendo, no entanto, determinadas pela “figura” do herói ou da heroína. Essas narrativas [...] não apresentavam a figura de seu herói ou de sua heroína simplesmente como se essa fosse somente uma “imagem”, mas, muito mais, elas a formavam quase que a partir de uma matéria fluida. (*Miti e misteri*, p. 288-289)

Esse não é só o centro do ensaio de Kerényi, mas, sim, um dos pontos centrais de seu pensamento, sendo uma verdadeira e exclusiva declaração de estilo: estilo de relações com o antigo (que se torna contemporâneo em sua qualidade de segredo), com os materiais mitológicos, com o seu estudo e com aqueles que se dedicam a tal estudo. Na introdução da nova edição de *Mitos e mistérios*, insisti, nesse propósito, numa reflexão acerca do estilo adotado por Kerényi em suas relações com os doutos, dos quais ele foi estudante, e com os *Dichter* — os poetas, os escritores — que reconhece como “mestres”. Dessas relações fortemente estilizadas, maneiristas, aflora a figura do Mago ou do Vidente sobre um palco que foi, antes de tudo, aquele da vida de Kerényi, assim como ele mesmo a configurava, e desse lugar foi necessário partir porque a doutrina de Kerényi foi — declaradamente — formalização autobiográfica daquilo que o tocava em sua integridade pessoal.

Kerényi quis sempre diferenciar nitidamente entre os mestres-imagem que não eram mestres-figura, e aqueles que — se operamos uma paráfrase a partir de suas palavras — não apareciam mestres apenas em imagens, mas também eram protagonistas (e criadores) de certas histórias que podiam assumir as mais diversas formas, mesmo permanecendo, todavia, determinados pela “figura” do mestre. “Saído há tempos da casa dos ‘cientistas’ erroneamente triunfantes” (como escreveu na introdução à primeira parte de sua correspondência com Thomas Mann), ele não reconheceu alguns mestres em Wilamowitz (de quem seguiu algumas aulas), em Walter F. Otto (“grande cientista e amigo venerado”), em C. G. Jung (a propósito dos *Prolegômenos ao estudo científico da mitologia de Kerényi e de Jung*, ele [Kerényi] mesmo escreveu: “Não sei se Pavese percebeu a profunda diversidade de comporta-

mento e de sentimento entre os dois autores — que também tornou possível um respeito recíproco”). Considerava, ao contrário, como mestres, Thomas Mann, Hermann Hesse, como *Dichter*, poetas, videntes. Imagens de mestres, capazes de apreender e de modelar a matéria fluida das figuras mitológicas. Enquanto que para os doutos, mesmo sendo “grandes cientistas”, a mitologia permanecia remota, apartada da estranheza que separa o tempo da história do tempo do segredo e do mito, para os poetas e videntes a mitologia (e o tempo do segredo) era — aos olhos de Kerényi — objeto de participação consciente e de consciência imediata.

Vidência e poesia se tornavam participação imediata no tempo do segredo e na matéria fluida daquilo que é segredo. Ciência, se apenas ciência, era consciência no tempo histórico do muito que nos separa “da borda do cálice” (palavras de Kerényi na introdução aos *Prolegômenos*), reflexão sobre tal distância, medida dessa distância, e, por vezes, eliminação arbitrária dessa distância com resultados perigosos e desastrosos (manipulação, tecnicidade do segredo). Aluno de “mestres” poetas e videntes, Kerényi soube e declarou não ser nem poeta nem vidente. Toda sua produção consiste numa aproximação ao Livro mediante livros, com “l” minúsculo. Livros, com “L” maiúsculo, são aqueles dos doutos: o Livro — a escritura — repetição do Livro — apenas os poetas alcançam. Não poeta, não vidente, mas consciente de não o ser, Kerényi mantém ao redor de si o casulo da ciência da mitologia como uma espécie de mapa topográfico — e, no entanto, abre os olhos às “figuras”, *Gestalten*, que vivem fluidas, plásticas, para além das “imagens”, *Bilder*. Não é hipnose, porque cada seleção dos escritos de Kerényi é verdadeiramente “matéria fluida”, muda de edição em edição, é testemunho contínuo de aproximação ao Livro, por composição sempre renovada dos elementos de um livro. Não é presunção de profeta — de poeta e vidente —, porque a coincidência entre o tempo do segredo e o tempo da história, entre a figura e a imagem, nunca é declarada como alcançada:

Ao leitor acontecerá algo semelhante àquilo que aconteceu com o Conde de Marcellus, embaixador francês junto à Corte do Sultão. Em 1818, partindo de Constantinopla para visitar as ilhas do Mar de Mármara, ele teve a sorte de se encontrar com um grego excepcionalmente culto de nome Yacobaki Rizo Nerulos, que falava francês não menos bem do que grego, tendo, assim, apresentado ao conde o grande poema épico dionisíaco de Nonnus [Nono de Panópolis], que o francês mais tarde traduziu e publicou. Suponhamos, agora,

que na nossa ilha, nós também encontramos um grego semelhante que nos conta a mitologia de seus antepassados. Ele não sabe mais o quanto dessa mitologia foi transmitido na literatura e nas obras de arte. Mas aquela tradição o toca pessoalmente (K. Kerényi. *Gli dei e gli eroi della Grecia*. Milano: Il Saggiatore, 1963, p. 18).

Nunca é, por parte de Kerényi, declaração de vidência: saber mais do que o transmitido na literatura e nas obras de arte; mas é declaração de itinerário que jamais será possível concluir, em direção àquilo que se perdeu e que “toca pessoalmente”, o eu, de fato, está em jogo, e ele é aluno: mas não dos mestres imitáveis — os doutos —, mas, sim, dos “mestres”, os inimitáveis por definição, os poetas e os videntes. Para além do douto grego insulano afloram *le persone* dos poetas da Grécia antiga, diante do cientista do tempo de hoje são colocadas *le persone* dos poetas de hoje.

O verdadeiro “imaginário” é — para Kerényi — o quanto sabem aqueles que sabem “mais do que aquilo que foi transmitido”. O verdadeiro Livro é aquele livro sobre o qual se estendem, sem nunca chegar à identificação, os livros “fluidos” de Kerényi. Ele mesmo é — se nos é permitida a citação kafkiana — um “agrimensor”: do imaginário, de seus campos e de seus castelos, declara ser um delimitador de confins.